



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis - BA
ISSN 2179-2984

REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS EM *AMERICANAH*: mídia radical alternativa a serviço do engajamento social

Luana Caetano Thibes*-luanacthibes@gmail.com.

*Mestra em Letras – linguagens e representações e professora do Instituto Federal da Bahia – *campus* Eunápolis. .

Resumo. O presente artigo tem por objetivo analisar brevemente o conceito de intelectual engajado, partindo da observação do romance *Americanah* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, e de que forma tal intelectual pode utilizar a mídia radical alternativa como veículo para divulgação de perspectivas contra-hegemônicas. Para tanto, conta com o aporte teórico de Downing (2004) e Bhabha (2013), além de Chauí (2005) e Santos (2009). Discorre, também, sobre a hipótese da autora nigeriana ter se valido de estratégias de autoficcionalização para compor seu romance, com base em Crosariol (2011) e Carvalho (2009). A partir da perspectiva da protagonista do romance, conclui que a personagem, enquanto intelectual engajada socialmente e reflexo da própria autora da obra, faz uso de veículos midiáticos alternativos para difundir suas opiniões e observações, atuando como produtora de conteúdo alternativo contra-hegemônico.

Palavras-Chave: Mídia radical; Intelectual engajado; Autoficcionalização; Chimamanda Ngozi Adichie.

MEDIA REPRESENTATIONS IN *AMERICANAH*: radical alternative media at the service of social commitment

Abstract. *The purpose of this article is to briefly analyze the concept of committed intellectual, starting from the observation of the novel Americanah (2014), by Chimamanda Ngozi Adichie, and how such a subject can use alternative radical media as a vehicle for spreading counter-hegemonic perspectives. For this, the paper counts on the theoretical contribution of Downing (2004) and Bhabha (2013), in addition to Chauí (2005) and Santos (2009). It also discusses the hypothesis of the Nigerian author having used autofictionalization strategies to compose her novel, based on Crosariol (2011) and Carvalho (2009). It concludes that the novel's protagonist, as a socially committed intellectual and a reflex of the author*

herself, takes advantage of alternative media vehicles to diffuse her opinions and observations, acting as a producer of alternative counter-hegemonic content.

Keywords: *Radical media; Committed intellectual; Autoficcionalization; Chimamanda Ngozi Adichie.*

1. INTRODUÇÃO

O engajamento social tem por definição o ato de se comprometer a algo, além da participação em questões políticas e sociais. São considerados engajados aqueles que estão empenhados em causas elegidas devido a fatores interno-externos, tomando uma posição de luta perante as atribuições que os cercam. Nessa perspectiva, a mídia radical alternativa pode ser enquadrada como um dos meios a serviço do social, uma vez que expõe uma variação mais abrangente de posicionamentos em relação às perspectivas hegemônicas, abordando temas políticos e socioculturais.

Neste artigo, faço uma breve análise acerca do que é ser um intelectual engajado, partindo da observação de excertos do romance *Americanah* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, e tendo como foco a protagonista da narrativa e seu comprometimento social a partir do contexto que se encontra. Discorro, também, sobre a possível interpretação do blog da personagem principal como uma ferramenta em função da mídia radical, atuando como contribuinte de movimentos sociais.

O romancenarra a história de Ifemelu, uma jovem nigeriana que vai estudar nos Estados Unidos, e diante das diferenças culturais que se depara, decide escrever um blog sobre ser africano na América. Seu blog alcança relativo sucesso, e suas opiniões são expostas para jovens africanos e afro-americanos, tanto os que dividem as mesmas ideias quanto os que discordam. Os *posts* desse blog, intitulado “Raceteenth ou Observações Diversas sobre Negros Americanos (Antigamente Conhecidos como Crioulos) Feitas por uma Negra Não Americana.”, são expostos na narrativa, assim como os comentários recebidos.

Para embasar este artigo, conto com o aporte teórico de Marilena Chauí (2005) e de Donizeth dos Santos (2009), acerca do que seria necessário para considerar um indivíduo enquanto intelectual engajado. Conto também com os estudos de John Downing (2004), quanto ao conceito de mídia radical alternativa e o

potencial do compartilhamento da mídia em relação a questões sociais, além de Homi Bhabha (2013), quanto à (falta de) representatividade do negro.

Por fim, sugiro a possibilidade de Adichie ter se valido de estratégias de autoficcionalização, descrita por Isabelita Crosariol (2011) como um método de escrita em que o autor se insere no texto, para tecer sua narrativa. Para isso, sirvo-me da biografia da autora, disponível em *The Chimamanda Ngozi Adichie Website*, mantido pela Université de Liège (Bélgica), como base para esta teoria, discorrendo sobre as principais semelhanças entre autor e obra, e sobre o uso de tal artifício como forma de luta engajada. Nesta seção, me apoio na teorização de Crosariol quanto às estratégias que a autora pode ter adotado, e em Isaías Carvalho (2009), que fala sobre a responsabilidade de ser um narrador pós-colonial, categoria em que Adichie se encaixa.

2. INTELECTUAL ENGAJADO

O intelectual engajado é aquele que se utiliza de seus estudos e conhecimentos gerais para lutar por uma ideologia. É o escritor que, através de suas obras, expõe suas ideias em busca de melhores condições para a realidade de um povo.

De acordo com Marilena Chauí (2005), o intelectual engajado surge do sujeito que necessita de algo mais que a independência – necessita de autonomia para criticar o que lhe é relevante, como as instituições religiosas, políticas e acadêmicas. A filósofa afirma que, do ponto de vista de Sartre, “o intelectual engajado é o escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes, à medida que vão se sucedendo uns aos outros. É um estado de vigília permanente” (CHAUÍ, 2005, p. 6). Ou seja, este sujeito é o pensador que não se satisfaz com sua realidade e se questiona quanto às diferentes situações a que é exposto, questionando, igualmente, a realidade social em que se insere.

Ifemelu pode ser enquadrada no conceito de intelectual engajada, pois, a partir de seu lugar de universitária, com uma bagagem de estudos e discussões acadêmicas, passa a questionar as imposições da vida e da sociedade que faz parte. Ao argumentar com uma norte-americana sobre o romance *Uma curva no rio*, de Naipaul, a protagonista se mostra inteirada acerca de discussões atuais voltadas

para os estudos culturais pós-coloniais¹.

Ela não achava que aquele romance era sobre a África, de jeito nenhum. Era sobre a Europa, ou um anseio pela Europa, sobre a imagem negativa que um homem indiano nascido na África tinha de si mesmo, um homem que se sentia tão ferido, tão humilhado, por não ter nascido europeu, por não ser membro de uma raça que alçara às alturas devido à sua habilidade de criar, que transformava suas insuficiências pessoais imaginárias num desprezo impaciente pela África; através de sua atitude altiva e presumida com o africano, ele podia se tornar, mesmo que brevemente, um europeu (ADICHIE, 2014, p. 207).

Segundo o estudo de Donizeth Santos (2009) sobre o intelectual engajado, o sujeito é incapaz de aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, indo contra o esperado. “Para o próprio Edward Said, o intelectual é um *outsider*, um perturbador do *status quo*, ou seja, não é nem um pacificador nem um criador de consenso” (SANTOS, 2009, p. 3). Esse sujeito é geralmente visto como agitador da paz pelos mais interessados em manter padrões hegemônicos que os conservam no poder.

Ao questionar o modo de vida americano, Ifemelu se torna representação desse *outsider*, contando com uma visão privilegiada dos costumes estadunidenses, e, enquanto condizente com o perfil de intelectual engajada, forte questionadora de particularidades dos habitantes de um país que tradicionalmente acredita ser o centro do mundo, de acordo com o ponto de vista da protagonista. Ao assistir aulas na universidade americana, a personagem tem a oportunidade de comparar com sua experiência com o sistema educacional nigeriano.

Ifemelu sentia-se constrangida com o que os professores chamavam de “participação” e não via por que tinha de ser parte da nota final: aquilo apenas fazia os alunos falarem sem parar, desperdiçando o tempo de aula com comentários óbvios, ociosos, às vezes sem sentido. Tinha de ser porque os americanos eram ensinados, desde o ensino fundamental, a sempre dizer alguma coisa na aula, não importava o quê (ADICHIE, 2014, p. 147).

¹De acordo com o levantamento bibliográfico de Décio Cruz *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa* (2016), o termo pós-colonial é usado para definir a cultura afetada pelo processo de colonização, desde a invasão imperial até os dias de hoje, que se reflete nas literaturas contemporâneas. O teórico reforça que o termo pós-colonial não se refere apenas ao que veio imediatamente após a colonização de um povo, uma vez que as mudanças culturais não ocorrem de um dia para o outro, como as mudanças políticas refletidas em um mapa *mundi* (CRUZ, 2016, p. 50). Assim, mesmo depois de anos reconhecidos como nações independentes, em muitos países, ainda podem ser observadas marcas ressignificadas do colonialismo manifestadas em suas produções literárias.

Tais apontamentos não só são essenciais para o desenvolvimento da personagem na trama como, a nível de distribuição do romance, colaboram para a desconstrução do imaginário reforçado por séculos que coloca nos EUA em posição superior a outros países, principalmente os considerados “em desenvolvimento” – anteriormente conhecidos como “subdesenvolvidos”.

Adichie, por sua vez, *deve* ser enquadrada como intelectual engajada. É ela que, junto a outros autores pós-coloniais – como Wole Soyinka, ganhador do Nobel de Literatura de 1986, Chinua Achebe, conhecido como pai da literatura africana contemporânea, e Helon Habila, poeta e romancista vencedor de diversos prêmios – proporciona essa visão mais abrangente das relações entre países considerados centrais e países considerados periféricos, a partir de narrativas de alcance internacional. Ela é, também, uma personalidade com reconhecimento mundial que milita em favor de minorias – em especial, das mulheres – e se recusa a aceitar a realidade imposta a mulheres negras, se fazendo ouvir e ignorando as expectativas relativamente baixas que foram voltadas a ela.

3. NATUREZA QUESTIONADORA DO BLOG DE IFEMELU

De acordo com John Downing (2004), a importância da mídia radical alternativa se dá devido à relevância da mobilização midiática frente às barreiras criadas nas vias de expressão pública. Com o termo mídia radical, o autor refere-se à “[...] mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2004, p. 21). Nesse sentido, creio que o blog de Ifemelu se encaixa na definição do teórico, enquanto plataforma online hospedeira de temas que não são amplamente abordados na mídia hegemônica.

A narrativa relata a mudança na perspectiva de Ifemelu em relação a sua postura enquanto imigrante nigeriana, que após anos mimetizando a sociedade estadunidense, percebe que mudou mais do que gostaria, se afastando de suas raízes e crenças nigerianas. E ao alcançar tal percepção, ela opta por criar o blog – “Raceteenth ou Observações Diversas sobre Negros Americanos (Antigamente Conhecidos como Crioulos) Feitas por uma Negra Não Americana.” – externalizando as situações curiosas e/ou desagradáveis que observou devido a diferenças culturais, à procura de identificação com outros indivíduos.

A personagem tem, dessa forma, a possibilidade de publicar seu ponto de vista enquanto cidadã africana, que difere do afro-americano devido a realidade diferente em que foram criados. Seus *posts* são de extrema importância para a compreensão do que é ser negro nos Estados Unidos, fato que muitos imigrantes desconhecem ao se mudar para o país. Em uma das entradas, Ifemelu dá um “aviso” aos negros não-americanos:

Para outros Negros Não Americanos: Nos Estados Unidos você é negro, baby

Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora (ADICHIE, 2014, p. 239).

Sob essa ótica, pode-se interpretar que ao chegar aos EUA, o negro perde sua identidade, sendo reconhecido apenas pela minoria que faz parte. Seu passado deixa de importar, assim como sua cultura e a forma de enxergar a si mesmo, dando lugar apenas à cor da pele. O indivíduo se torna, então, invisível. Segundo Bhabha (2013), “a invisibilidade apaga a autopresença daquele “Eu” em termos do qual funcionam os conceitos tradicionais de agência política e domínio narrativo” (BHABHA, 2013, p. 101). Diante disso, pode-se refletir sobre a importância do blog como uma estratégia para se tornar visível novamente, e, devido ao sucesso alcançado na narrativa, como uma ferramenta de comunicação entre sujeitos na mesma situação, formando uma rede.

Vale ressaltar, também, a importância dos veículos midiáticos, tais quais o blog de Ifemelu, para os esforços voltados ao aumento da representatividade de minorias – nesse caso, do imigrante africano – em meio aos produtos da mídia hegemônica que ignoram ou estereotipam esses grupos. Bhabha afirma que:

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o *Socius*; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterá a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade (BHABHA, 2013, p. 80).

Logo, o papel da mídia radical nesse contexto seria o de ir de encontro ao que Bhabha chama de “ato de violência epistemológica” partindo do homem branco para o homem negro. Ou seja, representar o negro livre de estereótipos, dar voz ao antes

silenciado e invisibilizado.

É o que Ifemelu faz, quando questiona os padrões vigentes em diversos *posts* que acompanham sua transição, de imigrante preocupada com sua adequação aos costumes da sociedade norte-americana à mulher empoderada e militante em favor da autoestima de outras mulheres negras. A protagonista chega a questionar diretamente as produções da mídia hegemônica, ao publicar:

Um agradecimento público a Michelle Obama e o cabelo como metáfora da raça

[...]

Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? [...] Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? [...] Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos (ADICHIE, 2014, p. 321-322).

Ao optar por assumir seus cabelos crespos e compartilhar a experiência com outras mulheres ao redor do país através do blog, Ifemelu vai de encontro aos esforços dos meios de comunicação tradicionais de convencer mulheres de que o padrão liso é mais bonito e agradável, oferecendo uma alternativa para as que querem se desvincular do uso de produtos químicos oferecidos para consumo em massa. Para tanto, não basta que a personagem tome decisões eventuais, mas que a mesma desenvolva uma visão crítica acerca das questões de representatividade midiática, fator que a define como intelectual engajada. Downing atesta:

Compartilhar com discernimento a gama de questões que flagelam a vida social, tal como percebidas a partir de inúmeros pontos de vista, e compartilhar as possíveis soluções para elas, bem como a hilaridade das tolices que diariamente surgem em torno delas, é muito mais condizente com o potencial da mídia do que qualquer outra instituição contra-hegemônica, como um partido, um sindicato, um conselho (DOWNING, 2004, p. 53).

Devido a esse potencial da mídia alternativa de exposição e associação de questões sociais, a protagonista de Adichie passa a deter maior responsabilidade em relação ao conteúdo publicado no blog, tendo ciência de que não pode mais escrever apenas observações curiosas, mas observações mais consistentes, embasadas em informações previamente verificadas.

Ao tomar consciência da proporção que seu projeto alcança, Ifemelu modifica o nome do blog, de “Raceteenth, ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos” para “Raceteenth ou Observações Diversas sobre Negros Americanos (Antigamente Conhecidos como Crioulos) Feitas por uma Negra Não Americana”, demonstrando preocupação com o conteúdo que a plataforma abrange, e com a mensagem que o título passa. Nota-se que ela deixa de escrever “observações curiosas” para escrever “observações diversas”, além de tirar a palavra “negritude” do título para, ao invés disso, escrever sobre “negros americanos”. Essas escolhas atestam seu reconhecimento da amplitude do blog, além da maturidade que suas publicações alcançam, deixando de ser textos descompromissados para se tornarem redações bem-elaboradas. Como na entrada a seguir:

Entendendo a América para o Negro Não Americano: O tribalismo americano

Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem, obrigado. Existem quatro tipos: de classe, ideologia, região e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres. Em segundo lugar, o de ideologia. Liberais e conservadores. Eles não apenas discordam em questões políticas, mas cada lado acha que o outro é malévolo. O casamento com uma pessoa da outra ideologia é desencorajado e, nas raras ocasiões em que acontece, é considerado espantoso. Em terceiro lugar, o de região. Entre Norte e Sul. Os dois lados lutaram numa guerra civil e as máculas dessa guerra persistem. Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxã e protestante, conhecidos como WASPs, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar. (Ou, como dizem aqueles versos maravilhosos: “Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa!”) Os americanos presumem que todos vão compreender seu tribalismo. Mas demora um pouco para entendê-lo de fato. [...] Quanto mais tempo você passar aqui, mais vai entender (ADICHIE, 2014, p. 201-202).

A partir de publicações como essa, a *blogueira* passa a ser convidada para diversas palestras ao redor do país, divulgando seu trabalho via outros meios. Podemos acompanhar sua interação com leitores fora da Internet, e ter uma visão mais ampla do fenômeno que se tornou o blog, constatando o poder que mídias alternativas podem alcançar, e os impactos causados por estas. Downing (2004) afirma que “a mídia radical alternativa constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa as tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas

populares” (DOWNING, 2004, p. 33). Logo, os espectadores que discordam dos produtos veiculados pela mídia tradicional, assim como aqueles que passam a questionar a partir do contato com produções contra-hegemônicas, encontram nos blogs como o de Ifemelu uma boa fonte de informações e resistência.

4. A AUTOFICCIONALIZAÇÃO DE ADICHIE

A autoficcionalização é uma estratégia de escrita utilizada na literatura contemporânea, em que o autor se coloca no texto. De acordo com Crosariol, muitas vezes para o autor “faz-se necessário colocar-se como narrador e personagem da narrativa, de modo a que esse tratamento distanciado de si próprio possibilite uma compreensão melhor de sua própria atuação” (CROSARIOL, 2011, p. 2). Acredito que Chimamanda Adichie utiliza da autoficcionalização como forma de narrar as dificuldades que um africano enfrenta ao migrar para os Estados Unidos, a partir de experiências vividas por ela e por pessoas próximas na mesma situação.

Ao pesquisar a biografia da autora, disponível em *The Chimamanda Ngozi Adichie Website*, nota-se muitas semelhanças entre ela e Ifemelu. Ambas são do grupo étnico Igbo, e ambas se formam em Comunicação e Ciência Política, graças ao auxílio de uma bolsa de estudos em uma universidade estadunidense. A escritora viaja o mundo percorrendo acerca de sua visão de mundo enquanto mulher negra nigeriana, apresentando palestras como as internacionalmente conhecidas “The danger of a single story” (2009) e “We should all be feminists” (2013), enquanto os textos postados online por Ifemelu também acabam viajando o mundo, alcançando leitores em diversos países. Ambos os trabalhos funcionam como ampla divulgação das opiniões de mulheres negras nigerianas, no sentido da conscientização de um público extenso.

A experiência pessoal do narrador principal [...] faz com que lhe seja delegada a tarefa da doação de voz aos silenciados da História (com H maiúsculo). Trata-se de um narrador que diz Nós, ou uma multiplicidade de narradores, numa polifonia em que as vozes anônimas da coletividade encontram um meio possível e produtivo de expressão (CARVALHO, 2009, p. 8).

Enquanto narradora pós-colonial, a autora teria a “responsabilidade” de escrever sobre e sob o ponto de vista da mulher nigeriana no contexto contemporâneo, e o faz tão habilmente devido a seu lugar de fala e suas

experiências pessoais. Acredito que Chimamanda Adichie pode ser encontrada nas páginas de seus romances, seja pelas condições e oportunidades que foram oferecidas às protagonistas, seja pelas decisões que foram tomadas diante dessas oportunidades. Observo, por exemplo, que em seus três romances publicados até a presente data – *Hibisco roxo* ([2003] 2011), *Meio sol amarelo* ([2006] 2008) e *Americanah* ([2013] 2014) – as protagonistas são todas do sexo feminino e da etnia igbo, e as três compartilham características com a própria autora, como a trajetória acadêmica e o padrão migratório.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do romance de Chimamanda Adichie, focando especialmente nas publicações do blog de autoria da protagonista, pode-se concluir que Ifemelu, enquanto intelectual engajada socialmente, faz uso de veículos midiáticos alternativos para difundir suas opiniões e observações. A personagem atua como produtora de conteúdo alternativo contra-hegemônico, possibilitando que outros indivíduos tenham acesso a perspectivas distintas das veiculadas pelos veículos midiáticos hegemônicos.

Concluo, também, que Adichie valeu-se de estratégias de autoficcionalização para relatar as experiências de adaptação de sua personagem, em uma manobra que creio servir para dar mais verossimilhança à narrativa selecionada para análise.

Por fim, destaco a relevância da obra de Adichie para o contexto contemporâneo, em diversos níveis. A trajetória de Ifemelu revela os impactos que veículos de mídia radical alternativa podem causar, apresentando favoravelmente a plataforma blog enquanto local de diversidade de opiniões e resistência. E a distribuição internacional do romance demonstra que há espaço de fala para os antes silenciados, que se projetam internacionalmente levando diversidade cultural e representatividade contra-hegemônica para o mundo inteiro.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras. 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARVALHO, Isaías Francisco de. O narrador pós-colonial. In: **Anais do I CONLIRE – Congresso Nacional de Linguagens e Representações**: Linguagens e Leituras; UESC – Ilhéus, Bahia / outubro de 2009. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-19.pdf>. Acesso em 22mar. 2019.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? **Ciclo de conferências “O silêncio dos intelectuais”**. 22 de agosto a 5 de outubro de 2005 no Teatro Maison de France – Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf>. Acesso em 22 mar. 2019.

CROSARIOL, Isabelita Maria. Apontamentos sobre a autoficcionalização na literatura contemporânea. **XII Congresso Internacional da ABRALIC** Centro, Centros – Ética, Estética. 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0918-1.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2017.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais / John D. H. Downing com a colaboração de Tamara Villarreal Ford, Genève Gil, Laura Stein: tradução Silvana Vieira. – 2ª ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Representações do intelectual engajado na obra de Erico Veríssimo. **Organon**. Porto Alegre, nº 47, julho-dezembro, 2009, p. 147–161. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29515>>. Acesso em: 08 set. 2017.

TUNCA, Daria. **Biography**. The Chimamanda Ngozi Adichie Website. © 2004-2017 Daria Tunca. Disponível em: <<http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acesso em: 06 set. 2017.